PRESOS POR UMA CORDA!

PAULO J. M. BARCELOS*, JOÃO MONIZ*

* ASSOCIAÇÃO OS MONTANHEIROS

1934.OUT.21 - Perfil desenhado por Didier Couto

Ao contrário do que algumas pessoas possam ainda pensar, os Montanheiros não foram os primeiros mas os últimos a protagonizar as aventurosas descidas pela cratera ao interior do Algar do Carvão. Antes deles há um rol de descidas, iniciadas 70 anos antes, que envolveram pessoas cujo nome interessa perpetuar.

São esses momentos que nos importa aqui divulgar, para que se conheça o melhor possível esse pedaço da história deste monumento natural.

Quando em 1893 é tomada, pela primeira vez, a decisão de empreender uma descida ao interior desta cavidade vulcânica, era já referida como "*furna legendária*", o que mostra que era falada desde há muitos anos, mas foi com as explorações da década de sessenta do século XX, que o algar começou a ser notícia na Imprensa nacional.
Com a construção do túnel de acesso deixou de haver necessidade para tais descidas.

CÂNDIDO CORVELO, UM AVENTUREIRO DO SÉCULO XIX

01. A primeira descida ao Algar do Carvão de que há registo foi realizada numa quinta-feira, dia **26 de janeiro de 1893**, conforme notícia da época[1], efetuada por Cândido Corvelo morador na Terra-Chã. Até então o temor sempre havia afastado daquele vertiginoso precipício todos os transeuntes que por aqui passavam ou que aqui se deslocavam.

Cândido Corvelo dirigindo-se ao local, com José Luiz de Sequeira e outros companheiros, amarrou-se com uma corda tendo, logo no início da descida, ficado a balouçar no vazio. Temerário, deu indicação aos colegas da superfície que o arreassem, descendo o percurso de 80 metros de forma suspensa. Não conseguimos descortinar se haveria algum parentesco entre este Cândido Corvelo e o Ti Cândido Corvelo, reputado ganadeiro desta ilha junto com o irmão, à época donos dos terrenos onde está o Algar do Carvão, e que mais tarde sairiam da posse dessa família passando à de José Ataíde da Câmara.

Acendeu um dos seus *combustíveis* saturados de alcatrão (os *very light* da época) de que estava munido, o que o permitiu ver uma paisagem assombrosa com abóbadas, estalagtites de sílica e uma lagoa subterrânea, nunca antes vista pelo homem.

Sobre essa descida, em 1934, Guilherme Ramalho (de quem adiante falaremos) relatou para o jornal as peripécias da descida de Cândido Corvelo, tal como as ouvira contar: que descera amarrado a uma única corda, junto a uma das paredes rochosas da cratera, o que lhe causou ferimentos, obrigando-o a regressar sem ter chegado "*ao fundo*", que depreendemos ser a rocha sobranceira à lagoa. No regresso a subida terá sido "*bastante tormentosa*".[2]

UM DESCIDA MAL DOCUMENTADA

02. Guilherme Ramalho afirma que em **1907** outros conseguiram descer ao interior do Algar do Carvão, sem no entanto terem avançado para além do ponto onde Cândido Corvelo havia chegado.[3] As nossas pesquisas aos jornais da época infelizmente não resultaram em qualquer evidência que corrobore este relato.

1 O Cartão de Visita, de 31 de janeiro de 1893
2 *Jornal d'Angra*, de 11 de outubro de 1934
3 *Jornal d'Angra*, de 11 de outubro de 1934

A PRIMEIRA DESCIDA DOS ESCOTEIROS DE SANTA LUZIA

03. A **7 de outubro de 1934** (domingo) alguns elementos do Grupo 52 da Associação dos Escoteiros de Portugal, com sede na Rua de Cima de Santa Luzia - Angra do Heroísmo, entram no Algar do Carvão.[4] Guilherme Ramalho, Chefe do agrupamento, relata os pormenores dessa descida e descreve o que viu, numa entrevista que dá a um periódico da época.[5]

Conhecera o exterior do algar seis anos antes e desde então perseguia-o a vontade de descer ao seu interior para satisfazer uma curiosidade, que aumentou ao ouvir contar as peripécias da descida de Cândido Corvelo.

Foi conversando, cerca de um ano antes desta descida, com o então Presidente do Grupo 52, o Sargento enfermeiro do Exército **José do Couto de Sousa**, que se estudou a possibilidade de encetar tal descida. Foi o Sargento Couto, de 44 anos de idade, que estudou a melhor forma de se operar a descida, e quem teve o privilégio de fazer a primeira tentativa.

As descidas realizam-se com recurso a um moitão amarrado a um velho e robusto azevinho cujo protagonismo não ficará por aqui. O explorador, seguro por dois suspensórios e dois cinturões, descia à medida que os companheiros aliviavam a corda que o suportava. O mecanismo revelou-se no entanto deficiente porque o desenrolar da corda provocava a sua rotação, fazendo rodopiar de forma descontrolada quem descia.

Após várias tentativas José Couto acabou desistindo sem conseguir tocar o primeiro patamar. Avançou Guilherme Ramalho, por ser mais leve, com uma corda auxiliar para evitar o movimento de rotação, e com a orientação de José Couto, que em cima do azevinho coordenava as manobras. Desceu até atingir o chão, continuando a descer uma rampa de escórias soltas até junto das abóbadas interiores e do topo da rocha junto à lagoa. Impedido de observar a própria lagoa e o espaço em redor, por a luz ser insuficiente, apercebeu-se da sua existência pelo mergulhar das pedras que atirava. Pôde no entanto ver e recolher algumas amostras de rocha, nomeadamente de sílica, que foram classificadas pelo Ten. Cor. José Agostinho, ficando em exposição no *Loja dos Panos*, em Angra. As medições realizadas apontavam para uma profundidade total do algar de 80 metros.

A subida foi dramática, pois a corda auxiliar enrolou-se na principal tornando impossível a passagem de ambas pelo moitão, o que obrigou Guilherme Ramalho a ficar suspenso durante vários minutos. Resolveu-se tão melindrosa situação graças à energia de José do Couto que, desamarrado, sobre o tal azevinho, conseguiu desenrolar as cordas e, junto com os outros, puxar a braços Guilherme Ramalho para o exterior.

No interior ficou um bilhete onde estava escrito a ordem dos sinais combinados com os seus companheiros de expedição, que transmitiu para o exterior a fim de ser içado. Além dos dois já referidos participaram também na expedição Armando Borges Ramalho, João Gonçalves (do Posto Santo) e o cadete Oldemiro Couto.

4 *A União*, de 10 de outubro de 1934

5 *Jornal d'Angra*, de 11 de outubro de 1934

UM GRUPO DA CONCEIÇÃO

04. Uma semana depois, a **14 de outubro de 1934** (Domingo) seguiu outra expedição até ao Algar do Carvão, dirigida por Augusto Inácio e composta ainda por José Tomaz da Silva, Leonel Silva, Francisco da Silva e José Silveira Peixoto, todos da freguesia da Conceição. No local juntaram-se ainda alguns pastores que andavam pelas redondezas, certamente movidos pela curiosidade e que acabaram dando algum apoio

Aproveitando o mesmo azevinho e sistema de moitão e cordas, já antes utilizado, pelas 9:35 fizeram descer Leonel da Silva (que ficaria cerca de 4 horas no interior) seguindo-se José Tomaz da Silva. Juntos partiram da primeiro patamar a perscrutar a gruta, um ajudando o outro, com uma corda, nas partes mais difíceis. As medições efetuadas e registadas posteriormente num documento dactilografado, que serviu de base para um artigo publicado pelo *Jornal d'Angra*, indicavam uma profundidade do algar de 130 metros. Devido à discrepância com os 80 metros medidos na expedição organizada por Guilherme Ramalho, instalou-se a dúvida e gerou-se alguma polémica nos jornais da época. Os autores viriam a afirmar depois que o relatório que tinham produzido possuía *informação deficiente* induzindo ao engano, pois nos 130 metros estavam incluídas algumas distâncias percorridas na horizontal ou na rampa até à lagoa.

Quer a descida como a subida foram, além de difíceis, muito perigosas por irem os "*trogloditas* (como lhes chama um dos jornais que noticiou o acontecimento) *sentados na beira da barrica, sem terem sido amarrados, entrando a mesma em grande rotação quando foi descida e içada*".[6]

Conseguiram trazer uma garrafa com água da lagoa, provavelmente lançando a garrafa presa por algum cordel para dentro da lagoa, e algumas amostras geológicas, mais tarde colocadas em exposição na montra do Sr. João Zeferino da Costa.

UMA VEZ MAIS OS ESCOTEIROS DE SANTA LUZIA

05. Pelo terceiro domingo consecutivo realizou-se nova descida ao Algar do Carvão. A **21 de outubro de 1934** uma nova expedição organizada pelo Grupo 52 da AEP deslocou ao local algumas dezenas de pessoas, 7 das quais haveriam de protagonizar nova descida. Uma das motivações desta nova descida era confirmar a real profundidade do algar, depois das notícias que vieram a lume nos jornais da época, referentes às duas expedições anteriores, o que motivou a presença de um representante do *Jornal d'Angra* no grupo de expedicionários, bem como de Augusto Inácio, participante na expedição anterior.

Coube novamente ao Sarg. José do Couto de Sousa, membro do Conselho de Patrocínio dos Escoteiros de Portugal e grande entusiasta destas aventuras, a responsabilidade pela montagem e funcionamento do sistema de descida e subida. Os 7 espeleólogos desceram por esta ordem: Guilherme Ramalho, Amadeu de Sousa, Didier do Couto, Armando Borges Ramalho, Valdemar Silva, Humberto Sousa (do Pico

6 *A União*, de 17 de outubro de 1934.

da Urze) e Manuel Gatinho (da Boa Hora). O grupo permaneceu dentro do Algar cerca de 2 horas, tempo suficiente para que se proceder a medições mais rigorosas, concluindo novamente que que o Algar do Carvão tinha efetivamente 80 metros de profundidade e permitindo que Amadeu de Sousa e Didier do Couto desenhassem vários croquis do interior. Amadeu de Sousa terá mesmo fotografado pela primeira vez o interior do Algar. Hoje, os Montanheiros tem na sua posse um dos perfis que Didier Couto, que será o primeiro levantamento conhecido do algar do carvão, assinado e datado de 27 de outubro de 1934. Infelizmente não conhecemos nem a foto nem outros dos croquis destes artistas.

Antes de saírem o grupo carregou uma barrica de pedras, na sua maioria de amostras de sílica, que foi içada até ao exterior e que serviu para os participantes repartirem entre si como recordação daquele dia. É o Sargento Couto que relata em 1960 ao grupo de Manuel Figueiredo que se preparava para efetuar uma descida, algumas passagens desta atribulada descida: *"utilizaram um cesto de vimes amarrado a uma corda de toiros como único meio de descida e subida, o que dificultou imenso a tarefa de tirar os espeleólogos do seu interior."*

Antes que se desse algum desastre e como forma de refrear o entusiasmo crescente pois já se projetavam descidas para o verão do ano seguinte, Manuel Corvelo Cardoso (o Manuel "Chorica" da Terra Chã), proprietário dos terrenos onde estava o Algar do Carvão, mandou cortar "*rente à rocha*" o azevinho que servia de apoio às descidas e subidas.

DUAS NOVAS DESCIDAS REALIZADAS PELOS ESCUTEIROS DA BA4 – 1960 e 1962

06. Em **início da década de 60** elementos do Agrupamento 111 dos Escuteiros da Base Aérea 4 protagonizaram duas novas descidas pela cratera do Algar do Carvão. Manuel Humberto Figueiredo, Vítor Hugo Fragueiro e João Soares de Ávila (quem tirou as primeiras fotos do interior desta cavidade vulcânica). Devido ao sistema utilizado, para fazer sair os exploradores, não ter funcionado como previsto, as subidas foram muito demoradas, em especial a de Vítor Fragueiro que levou cerca de uma hora.

07. A **27 de agosto de 1962** (segunda-feira) é realizada nova descida organizada por esta mesma coletividade. Tendo estudado e implementado um novo sistema de ascensão, com recurso a cabos cruzados e algumas engrenagens, Manuel Humberto Figueiredo, Vítor Hugo Fragueiro, João Soares Ávila, Sarg. Abel, Ilídio Gomes, Gualdino Ormonde, Eduardo Monteiro desceram sentados numa cadeira movimentada pelas cordas e desta feita conseguiram explorar a quase totalidade do algar, descendo até junto das nascentes da lagoa.

1962 – Grupo parcial de participantes. Teste às comunicações.
Da esquerda para a direita: Vítor Fragueiro, João Carvalho, Manuel Figueiredo, William White, Sargento Lobo da Fonseca e Roberto Câmara.
Foto: João Soares de Ávila, reprodução/ampliação de Vítor Fragueiro.

1962 – Outra posição da subida do Vítor Fragueiro.
Foto: João Soares de Ávila, reprodução/ampliação de Vitor Fragueiro.

1963 - As primeiras descidas fizeram-se assim, com recurso apenas a 2 cordas.

1963 - Primeiras prospeções feitas pelos Montanheiros

AS DESCIDAS ORGANIZADAS PELOS MONTANHEIROS – 1963 e 1964

08. Numa entrevista concedida em 1997, publicada na revista *Pingo de Lava* nº 36, Américo Luiz, fundador da associação Os Montanheiros, refere na sua entrevista que fizeram *uma primeira descida direta* sem grandes aparatos, apenas com *uma corda amarrada à cintura e uma segunda corda de socorro*. Não conseguiu no entanto precisar outros pormenores desta descida, que terá sido realizada em **1963**.

09. No dia **21 de julho de 1963** (domingo) seguiu para o Algar do Carvão uma equipa de 20 pessoas liderada pelo Sr. Manuel Alves, com a intenção de perscrutar o seu interior. Com recurso a cabos de aço, cordas de segurança, estacas e a boia para a descida, preparou-se o expediente de descida dos aventureiros. Gabriel Rodrigues foi o primeiro, descendo com êxito pouco depois das 10:00 horas, e enviando para cima, após 2 horas de exploração, alguns pedaços de rocha, alguns com depósitos de sílica. Seguiu-se José Gabriel de Medeiros que desceu apenas 20 metros, pedindo para ser içado por se sentir indisposto. Segue depois António Barbosa que tirou várias fotografias no interior. Manuel Alves juntou-se aos dois que já lá estavam. Depois do almoço desce Américo de Lemos Silveira Luís, Luís Filipe de Melo, Carlos Carreiro de Oliveira e José Gonçalves da Silva (*José dos Bigodes*). Com uma fita métrica procederam às primeiras medições da altura do algar. Cerca das 15:00 horas o grupo ascendeu à superfície extasiados com o que viram e satisfeitos por tudo ter corrido em segurança. Fazendo parte do grupo que se manteve no exterior estava Maria João Silveira, irmã de Américo Luíz, que escreve para um jornal local o relato desta descida.[7]

7 *O Irresponsável*, de 31 de julho de 1963.

1963.JUL.21 - Os Montanheiros experimentam pela primeira vez o recurso à "boia-calção" como forma de fazer descer os expedicionários.

1963.JUL.21 - As descidas faziam-se de forma bastante lenta para garantir a segurança do espeleólogo.

1963.JUL.21 - Grupo de homens que no exterior permitiam as descidas e subidas em segurança.

1863.AGO.18 - Grupo de expedicionários.

1963.AGO.18 - Em contato com o exterior com recurso à linha telefónica que foi montada.

1963.AGO.18 - Os sete elementos que desceram ao interior nesta expedição.

1964.JUN.10 - Grande aparato em mais uma descida dos Montanheiros.

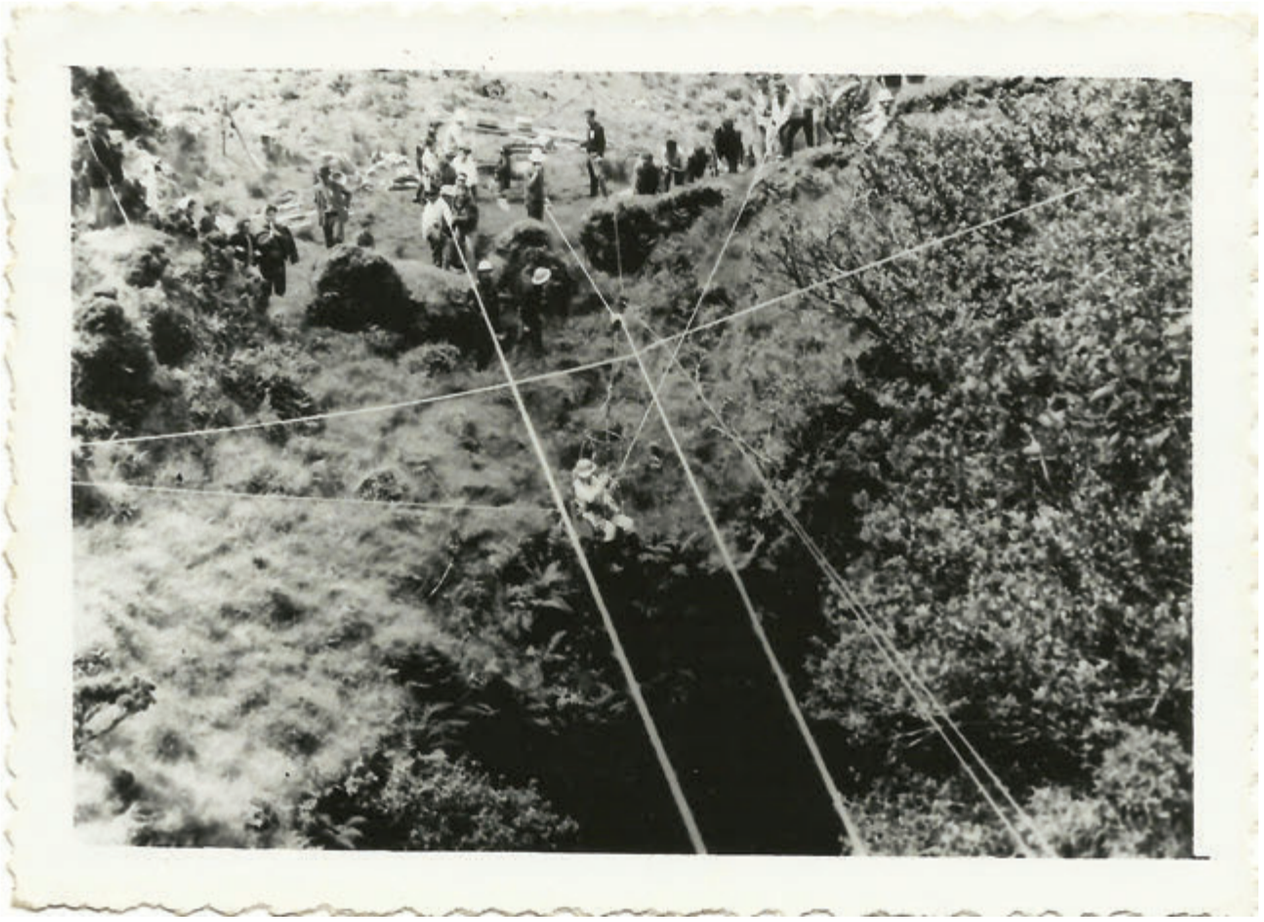
10. A 18 de agosto de 1963 (domingo) um grupo de 31 homens e 6 mulheres, sob a direção de Américo de Lemos Silveira seguiram logo pela manhã até ao lugar do Carvão. Desta feita o aparato tomou ainda maiores proporções tendo o grupo deslocado até à cratera, cabos de aço, cordas, moitões, barras de ferro, escadas, cinturões, capacetes de proteção com frontais, baterias e projetores, dois "petromax", dois telefones e mais material. Melhorando algumas das técnicas de descida utilizadas anteriormente, do total de 37 pessoas que se deslocaram ao Algar do Carvão, foi possível descer 17 homens, com recurso ao calção com boia. Desceram Luís Filipe de Melo, José Gonçalves da Silva (José dos Bigodes), Américo de Lemos Silveira Luís, Manuel Alves, Armindo Jorge (diretor e editor de "O Irresponsável"), José Pereira (das Baterias), João de Jesus Brás, José Alexandre Pereira Godinho, Armando Brasil de Sousa Lima, Armando de Lemos Silveira, Ângelo de Lemos Silveira, António Henrique Borba da Silva, Manuel Fernando Borba da Silva, José Oliveira dos Santos, Joaquim Coelho de Sousa, António Deodato Ferreira e Guilherme Brasil. Outros constituíram a equipa que ficou a dar apoio no exterior, entre eles: José Gabriel de Medeiros, Fernando Luís Cardoso, Prudêncio Machado, Francisco Ferreira, José Fagundes, José Manuel Fagundes, Ernesto Gouveia e José Vieira Assucena. Muitos destes homens haveriam de formar pouco tempo depois a associação os Montanheiros. Recolheram-se amostras de rochas e tiraram-se fotografias. O sistema de iluminação revelou-se eficiente, permitindo a observação de ossadas de cães, cabras e vacas, das formações geológicas, e de uma forma geral da morfologia interior. Apenas Manuel Alves desceu até à lagoa, depois de improvisada uma forma para o fazer, tendo enchido um garrafão de água que se partiu durante a subida.[8]

11. A **10 junho de 1964** (quarta feira - feriado nacional) é realizada outra descida. Nesta expedição, participada por muitos colaboradores, é feito o levantamento topográfico exterior pelo topógrafo António Garcia Pedro, orientado pelo Eng.º Fernando Codorniz Fagundes, e no interior por Ulisses Bettencourt agente técnico de engenharia e pelo desenhador Péricles Ortins Bettencourt o que mostra que nesta expedição havia já o claro propósito de criar uma nova entrada para o algar. Além destes nomes refira-se também o de Américo Luiz, já presidente da recém-formada associação Os Montanheiros, o Padre Gil Mendonça… Além desta brigada topográfica integraram a expedição técnicos de eletricidade e telefones, que permitiram uma comunicação perfeita entre quem estava no interior e aqueles que aguardavam cá fora. Esta foi uma das descidas melhor documentadas em fotografia, e a primeira em que o espeleólogo descia sentado na "cadeira", ao invés da "boia calção" utilizada nas descidas anteriores.[9] Desta expedição resultou a ideia e o projeto inicial de abrir-se um túnel que suavemente pudesse levar os futuros visitantes ao interior.

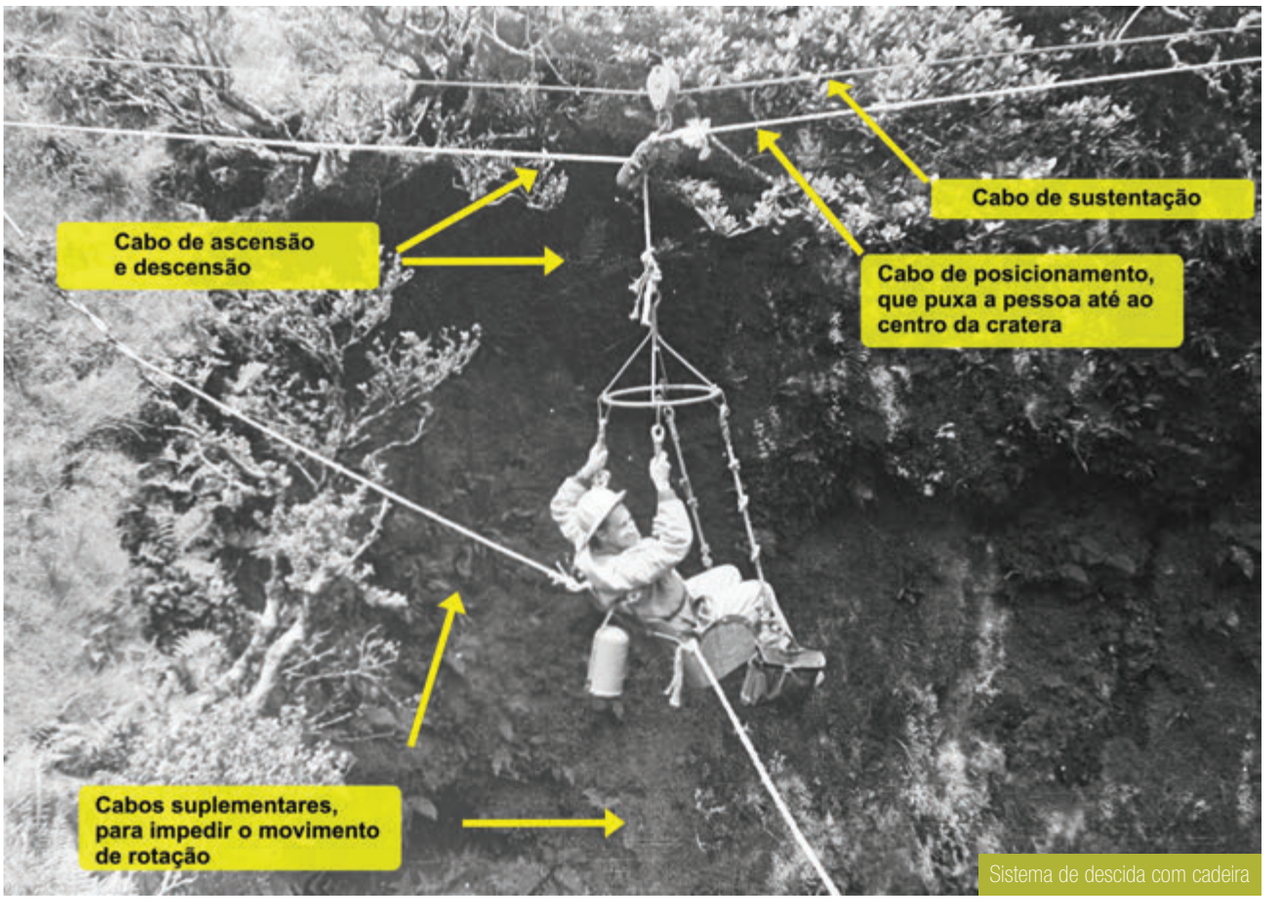
8 *O Irresponsável*, de 31 de agosto de 1963.
9 *A União*, de 4 de julho de 1964

1964.JUN.10 - Os expedicionários em redor da cratera.

1964.JUN.10 - Uma pausa para descanso.



1964.JUN.10 - Em plena descida.



Sistema de descida com cadeira

1964.JUN.10 - Em cima do muro destaca-se Américo Luíz, fundador dos Montanheiros.

1964.JUN.10 – Equipa que coordenou o levantamento topográfico.

12. Na primeira quinzena de **outubro de 1964** realiza-se a nona descida ao Algar do Carvão, recorrendo ao mesmo sistema de cabos vai-e-vem, com intuitos de proceder à sua exploração. Desceram 7 dirigentes e sócios dos Montanheiros: Américo de Lemos Silveira Luís, Rafael Ávila de Azevedo, Ulisses Bettencourt, Diamantino Campos da Paz, José Pereira, Manuel Teixeira de Sousa e Osvaldo Simões. Numa exploração de 7 horas, explorou-se pela primeira vez a abóbada do *Palco* e da *Lagoa*, aproveitando-se já para estudar as acessibilidades interiores… estimou-se que seriam necessários 600 degraus para se conseguir um itinerário completo, que levasse aos pontos mais aliciantes da gruta.

[10]Esta foi a última descida, por este método tão trabalhoso, pois na primavera do ano seguinte, de 1965, iniciava-se a construção túnel, concluído apenas em 1967, e que ainda hoje permite o acesso ao interior desta cavidade vulcânica.

DUAS DESCIDAS MAIS... ENQUANTO SE RASGAVA O TÚNEL.

13. Em **24 de abril de 1966** houve nova descida para mostrar o algar a um francês, de Lyon. A descida foi feita de maneira diferente. Segundo nota interna dos Montanheiros desceram 5 pessoas "*a pulso*", usando a parede interior da cratera para progredir. Como levavam uma corda à cintura, o "pulso" de que se fala não era apenas o de quem descia mas também de quem cá fora os puxava ou ajudava a descer.

10 *A União*, de 15 de outubro de 1964

Uma das últimas descidas, em 1966

14. Como o túnel não estava ainda concluído, a associação é levada a mostrar novamente o Algar do Carvão, a **21 de junho de 1966**, a um geólogo alemão que veio de visita aos Açores, com uma descida em tudo semelhante à anterior.

Mais tarde, com o intuito de demonstrar técnicas de manobras de corda, para progressão vertical em algares, ou aquando de transeptos realizados com o propósito científico de recolher amostras para estudar a estratificação das comunidades vegetais ao longo da cratera, foram realizadas outras descidas pelos montanheiros Fernando Pereira (Pardal) e Luís Parreira.

Há mais de uma década que não se regista qualquer descida, não sendo provável que tal aconteça num futuro próximo.

Em cima, de camisa escura, um dos geólogos que visitou o Algar em 1966.